

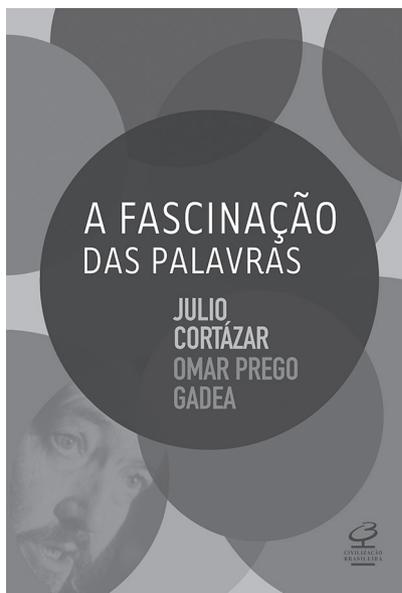
Julio Cortázar continua fascinando

A fascinação das palavras

Julio Cortázar
Omar Prego Gadea
Tradução: Ari Roitman,
Paulina Wacht
Rio de Janeiro: Civiliza-
ção Brasileira, 2014.
304 p.

O escritor argentino Julio Cortázar passou a ser conhecido e lido no Brasil a partir do chamado *boom* da literatura latino-americana, nas décadas de 60 e 70 do século passado, do qual foi uma figura exponencial ao lado de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, entre outros. Sua principal obra, *Rayuela*, que recebeu o título em português de *O jogo da amarelinha*, deu a conhecer um escritor lúdico, inventivo, intimista, metafísico e também experimental, que, mais que para sua geração, falava para a juventude de seu tempo e, possivelmente, para a juventude de nossos dias.

Por esses tempos do *boom* da narrativa latino-americana, Cortázar já estava radicado na França para onde se trasladara em 1951. Recebeu a cidadania francesa no governo do socialista François Mitterand em 1981, mas nunca deixou de ser argentino. Argentina, Buenos Aires impregnam toda sua obra, mesmo



sendo um escritor de alcance universal, talvez por isso mesmo.

Em “A fascinação das palavras”, livro que recolhe longa entrevista do escritor com Omar Prego Gadea, mais que tudo uma conversa entre amigos, conhecemos um pouco mais Julio Cortázar, em termos biográficos e bibliográficos. Inclusive nos inteiramos de claves para melhor interpretar determinadas obras dele. É apresentado como um livro escrito a quatro mãos; faz sentido, pois os dois amigos conversam em plano de igualdade, o entrevistador como um suscitador de questões que mais que resposta de Cortázar recebem análises, lembranças. Gadea era um bom jornalista uruguaio, também ficcionista, amigo de Cortázar há mais de dez anos à época. As conversas foram interrompidas com o falecimento do escritor argentino em 1984, e o livro

que as recolhe foi publicado no ano seguinte. Gadea faleceu no início de 2014.

Julio Cortázar faleceu em Paris, em 12 de fevereiro de 1984, aos 69 anos, depois de padecer insidiosa leucemia.

Essa compilação de uma entrevista feita em vários encontros na casa de Julio Cortázar em Paris foi realizada num período de seis meses, pouco antes de sua morte. A conversa foi uma proposta de Omar Prego Gadea, após a morte de Carol Dunlop, companheira de Cortázar. A ideia seria transformar em livro uma longa entrevista que abarcasse sua obra, sua vida de escritor e de combatente das causas que considerava justas no mundo. O escritor argentino aceitou na hora, mas disse que teria que ser “um livro muito louco”. Não chega a tanto, porque mostra um escritor lúcido, consciente de sua ferramenta criativa, que analisa perfeitamente o que lhe tocou viver e fazer, sua consciência e atuação políticas, que marcaram sua carreira de escritor latino-americano, sintonizado com as tragédias e transformações de seu tempo. Dá dicas e claves para entender e interpretar mais precisamente os meandros de seus contos e romances.

O livro mostra o mundo íntimo do escritor argentino, faz um percurso por sua vida, se detendo um pouco em sua infância, para nos descobrir um ser ensimesmado e já bastante observador do seu entorno, com um olhar que começa a se voltar para o fantástico e o mágico.

O escritor em germe está aí. É o tempo das leituras e da descoberta do mundo, a começar pelo mundo dos adultos. Como observa Gadea, Cortázar revisita velhas lembranças da sua infância e adolescência. No entanto, mais que apresentar e levantar dados da vida do escritor, nota-se que a entrevista vai singrando o mar de sua obra, e esses detalhes de vida são expostos mais como explicação e contexto da literatura do grande cronópio. Cortázar conta seus processos criativos, sua visão de mundo, a construção literária. Há capítulos dedicados aos contos e os há dedicados aos romances, com destaque para a abordagem de *O jogo da amarelinha*, sem sombra de dúvida a obra-prima do grande escritor argentino. Trata também das manias e fobias do escritor, que explana sobre sua maneira meio que fantástica de se relacionar com o mundo a seu redor. E fala de sua transformação política, sua tomada de consciência política.

Já na Introdução, Omar Prego Gadea observa que “Cortázar foi, tanto em sua literatura como na sua ação política, um revolucionário”. E cita Carlos Fuentes, que escreveu sobre Cortázar no suplemento literário do New York Times pouco depois de sua morte: “Suas posições políticas e sua arte poética se configuram nesta convicção: a imaginação, a arte, a forma são revolucionárias, destroem as convenções mortas e nos ensinam de novo a olhar, pensar e sentir.” E acrescenta Gadea que Cortázar cresceu por perto das lições do surrealismo, e sua intenção era

manter unidas ao que ele, Cortázar, chamou de “a revolução de fora e a revolução de dentro”.

E o entrevistador Omar Prego observa que “se trata da busca de uma fonte que jamais deixou de correr de forma subterrânea ao longo de toda a sua obra, a fonte da poesia”.

Cortázar discorre também sobre sua poesia, tem livros de poesia publicados, mas de qualquer maneira, essa poesia refluíu para sua prosa, para como encarava o mundo, porque é mais conhecido como contista e romancista.

O livro é dividido em nove partes, além da introdução e de uma substanciosa cronologia. Há seção dedicada aos contos, aos romances, à poesia, ao jazz e ao tango, e até uma que fala de suas fobias, manias, vampirismo, além da vida do escritor que subjaz em todas elas. *O jogo da amarelinha*, obra principal do autor, tem um tratamento num capítulo à parte. A seção final, “Palavras do silêncio”, compreende observações e análises posteriores do entrevistador, numa visão mais abrangente de vida e obra de Julio Cortázar. Em torno de 43 fotos de Cortázar separam os capítulos, em diversas épocas, com familiares e outros escritores, em vários lugares. Algumas não têm uma reprodução muito boa.

Seus admiradores e estudiosos, neste livro de entrevista, podem se aprofundar um pouco mais na vida e na obra desse escritor argentino original, que deixou sua marca na literatura de seu país e na literatura

universal, mesmo que na atualidade, depois de 32 anos de sua morte, seu nome já não brilhe tanto.

Compromisso político

Julio Cortázar se refere a seu processo de tomada de consciência política, principalmente pela época da Revolução Cubana. Ele chegou a visitar Cuba, em 1961, logo no começo dos novos tempos no país, quando descobre “o grande vazio político que havia em mim, minha inutilidade política”, dizendo que, a partir de então, buscou se documentar, tentou entender, ler. “A revolução cubana mostrou-me, então, de uma forma cruel e que me doeu muito, o grande vazio político que havia em mim, minha inutilidade política”. E revela que a partir daí os temas com implicações de caráter mais político, ou mais que político, ideológico, foram entrando em sua literatura.

Mais tarde, Nicarágua e seu processo revolucionário mereceriam sua atenção e solidariedade. Viajou várias vezes à Nicarágua para apoiar a revolução sandinista. Doou os direitos de *Los autonautas de la cosmopista* (1983), escrito em colaboração com sua mulher Carol Dunlop, ao sandinismo nicaraguense.

Foi um intelectual, como se dizia tempos atrás, engajado, que se manifestou contra injustiças e pelos direitos humanos.

E na entrevista analisa sua postura no campo político, no entrechoque com a literatura que praticava: “Eu sempre vivi num mundo de literatura que ao mesmo tempo é um

mundo lúdico, porque para mim é a mesma coisa. Eu não podia aceitar de forma alguma o compromisso como obediência a um dever exclusivo de tratar de coisas de tipo ideológico. Quando me vem a ideia de um conto que faz referência aos desaparecimentos na Argentina, escrevo esse conto com o mesmo critério literário e a mesma absorção literária que utilizo para escrever qualquer conto puramente fantástico.”

Mesmo que em sua vida de intelectual tenha assumido compromissos políticos concretos, em sua literatura, Cortázar deixa patente que é um escritor lúdico e do universo do fantástico, e ele sempre soube harmonizar essas questões: “Desde que comecei a escrever (a escrever coisas publicáveis), a noção do lúdico esteve profundamente imbricada, confundida, com a noção de literatura. Para mim, uma literatura sem elementos lúdicos era uma literatura enfadonha, a literatura que não leio, a literatura chata, o realismo socialista, por exemplo.”

Mesmo dominando com maestria a arte de escrever contos e romances, se considerava um escritor amador, “porque a escrita e a literatura são apenas um dos momentos da minha vida. Eu dedico muito mais tempo à música que à literatura, coisa que um escritor profissional não faria, jamais.”

“Para mim, a Literatura é um segmento da minha vida, não é o centro em absoluto.”

E Julio Cortázar, já avançada a entrevista, explicita a visão que tem de si mesmo como escritor: “Sou

escritor em grande medida por ter me sentido desde pequeno submetido a forças, impulsos e intuições, que fugiam por completo daquilo que a minha família, a minha professora da escola e uma boa parte da literatura mais realista que eu lia me ensinavam. Mas o fato de ter optado pela literatura fantástica desde muito jovem não é gratuito. Não é gratuito que, diante de cinco livros que eu conseguia ou que me davam, o primeiro que lia era aquele de tom fantástico. Quando digo fantástico, estou falando num sentido muito amplo, porque lá estava Júlio Verne, que se lança em aventuras que podem ser consideradas como fantásticas no plano da Ciência.”

O livro trata desses outros segmentos da vida de Julio Cortázar, como o cinema, o boxe, a música, tango (chegou a escrever letras de tango), principalmente o jazz.

Cortázar analisa em mais de um capítulo de sua obra sua arquitetura formal e estética, assim como suas intenções ao escrever contos e romances. Fala inclusive de sua veia poética, que de alguma forma perpassa sua prosa, e seu primeiro livro publicado foi uma coleção de poemas, *Presencia*, mesmo que depois diria que felizmente o livro fora esquecido.

Mas nas referências às suas obras na entrevista, ele se detém, mais particularmente, em *O jogo da amarelinha*: “Não foi por sua estrutura que esse livro atraiu tanto os leitores. Atraiu porque é um livro que efetivamente aglutinou em quinhentas páginas uma enorme

série de dúvidas, de problemas, de incertezas, de questionamentos que flutuavam na América Latina. Um tipo de problema que os jovens sentiam, de maneira confusa, que não eram capazes de elucidar, na maioria dos casos, e que os escritores da época, os professores, não lhes davam. Davam outro tipo de romances, que podiam ser geniais e magníficos, mas não lhes davam aquele tipo de coisas.”

Em “A fascinação das palavras”,

o escritor argentino Julio Cortázar se mostra por inteiro. Vai compreender melhor esta entrevista aprofundada, escrita a quatro mãos, quem já conhece alguma coisa da obra do escritor argentino. Vai tirar mais proveito e se aproximar de claves interpretativas que podem ampliar e diversificar sua visão da obra e, com isso, sua fruição estética e vivencial se torna mais enriquecedora.

Elson Rezende de Mello